

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Carol Ferreira Andrade de Sousa

A Cor da Minha Infância

Florianópolis

2020

Carol Ferreira Andrade de Sousa

A Cor da Minha Infância

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo
Orientador: Prof. Valentina da Silva Nunes

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sousa, Carol
A Cor da Minha Infância / Carol Sousa ; orientador,
Valentina da Silva Nunes, 2020.
39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Racismo na Infância. 3. Saúde Mental.
4. Psicologia. 5. Livro-Reportagem. I. da Silva Nunes,
Valentina . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Jornalismo. III. Título.

Carol Ferreira Andrade de Sousa

A Cor da Minha Infância

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 11 de dezembro de 2020.

Prof. Daisi Irmgard Vogel, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Valentina da Silva Nunes, Dr.(a)
Orientador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Leslie Sedrez Chaves, Dr.(a)
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Daiane Bertasso, Dr.(a)
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à todas as pessoas pretas que lutam diariamente para (re)existir nesse mundo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Marlene, minha super-heroína, desde que me entendo por gente, luta para me dar o mundo. Hoje me sinto mais capaz e fortalecida por ela, pois fui ensinada que sou merecedora de estar onde estou. Obrigada por lutar pela minha educação e para que eu tivesse acesso às oportunidades que você, infelizmente, não teve.

Ao meu namorado, Pedro Ivan Chaves Oliveira, por me incentivar e me apoiar em todas as minhas decisões. Por me dar total suporte emocional, quase desempenhando um papel de psicólogo. Devo imensa gratidão. Em momentos difíceis, tive seu amparo e companhia.

Às minhas amigas, Thuanny Paes e Brenna Pacheco, por estarem presentes na minha vida, me ouvindo, me acolhendo e acreditando nas coisas que me propus a fazer.

À minha orientadora, professores e colegas do Curso de Jornalismo, por todas as experiências e conhecimentos que me agregaram ao longo da graduação.

A todos aqueles que contribuíram para tornar possível este trabalho, por compartilhem suas histórias de força, coragem e resistência, e confiarem em mim a missão de transmiti-las à sociedade, com respeito e sensibilidade.

Essa conquista não é só minha, é de todos nós! Axé!

De onde vem este medo?
sou
sem mistério existo
busco gestos
de parecer
atando os feitos
que me contam
grito
de onde vem
esta vergonha
sobre mim?
Eu, mulher, negra,
RESISTO

(Alzira Rufino)

RESUMO

O racismo é uma forma de violência que causa sofrimento psíquico e começa na infância. Uma pesquisa realizada pela Universidade da Califórnia em 2017, aponta que crianças negras têm 3,2% mais chances de desenvolverem transtornos psicológicos, devido à discriminação racial. No Brasil, ainda não existem estudos que quantifiquem como essa realidade afeta a saúde mental de meninas e meninos negros (as). Entretanto, o racismo estruturou-se no Brasil e permanece enraizado nas instituições e relações causa impactos na psique de crianças, adolescentes e adultos, que podem resultar em transtornos psicológicos, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem e relacionamento social. Com isso, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é um livro-reportagem que traz reflexões acerca dos efeitos psicossociais do racismo da infância até a vida adulta. A reportagem, dividida em 6 capítulos, conta com o relato de pais e mães, psicólogas, psicopedagogas e militantes do movimento negro que fortalecem as discussões sobre: (1) as relações familiares: a importância do diálogo entre pais e filhos; (2) o ambiente escolar como espaço onde se manifestam práticas racistas; (3) a importância da representatividade na construção da identidade negra; (4) os reflexos da infância na vida adulta; (5) consequências psicológicas e tratamento com profissionais no contexto étnico-racial; (6) relatos e experiências da autora.

Palavras-chave: Infância Negra. Saúde Mental. Psicologia. Livro-Reportagem.

ABSTRACT

Racism is a form of violence that causes psychological suffering and often begins in childhood. A survey conducted by the University of California in 2017 shows that black children are 3.2% more likely to develop psychological disorders due to racial discrimination. In Brazil, there are still no studies that quantify how this reality affects the mental health of black boys and girls. Nevertheless, the way racism is structured in Brazil and remains rooted in institutions and relationships, causes impacts on the psyche of children, adolescents and adults, which can result in psychological disorders, low self-esteem, learning difficulties and social relationships. Therefore, this Course Conclusion Paper (TCC), is a book that brings reflections about the psychosocial effects of racism from childhood to adult life. The report, divided into 6 chapters, counts on the account of fathers and mothers, psychologists, psycho-pedagogues and militants of the black movement that strengthen the discussions about: (1) family relations: the importance of dialogue between parents and children; (2) the school environment as a space where racist practices are manifested; (3) the importance of representativeness in the construction of black identity; (4) the reflections of childhood in adult life; (5) psychological consequences and treatment with professionals in the ethno-racial context; (6) accounts and experiences of the author.

Keywords: Black Childhood. Mental Health. Psychology. Book-Reportage.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social

ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva

ANPSINEP – Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) de Relações Raciais e Subjetividades

BVSMS – Biblioteca Virtual em Saúde

ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MNU – Movimento Negro Unificado

NEN – Núcleo de Estudos Negros

NOIS – Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNSIPN – Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

UNICEF – União das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	Apresentação do tema	16
2.1	JUSTIFICATIVA DO TEMA.....	19
2.2	JUSTIFICATIVA DA MÍDIA	21
3	Apuração e processo de produção	22
3.1	Pré-apuração	22
3.2	Apuração	24
3.3	Fontes	26
3.4	Produção.....	27
3.4.1	Capítulo 1 – Como criar uma criança preta no Brasil?	28
3.4.2	Capítulo 2 – Entre os muros da escola	29
3.4.3	Capítulo 3 – Meninos negros também querem ser heróis	29
3.4.4	Capítulo 4 – O dia em que nos tornamos negros	30
3.4.5	Capítulo 5 – Cicatrizações	30
3.4.6	Capítulo 6 – Escrevivências da autora	31
4	DIAGRAMAÇÃO E FORMATO	31
5	CUSTOS	32
6	Dificuldades, desafios e aprendizados	33
7	REFERÊNCIAS	35
	ANEXO A - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	38
	ANEXO B - FICHA DO TCC	39

1 INTRODUÇÃO

“O racismo está em sua mente”. Essa frase é uma das mais faladas por aqueles que defendem a não existência do racismo. No Brasil, há uma negação do preconceito racial e embora todos conheçam alguém que já sofreu racismo, ninguém se reconhece no papel de racista (BENEDITO, 2018). Essa negação é recorrente e baseada na falácia de que, por sermos um país mestiço, somos igualmente tratados e gozamos dos mesmos direitos. Vivemos o mito da democracia racial, que dificulta o reconhecimento do racismo em situações individuais de discriminação e no modo como a sociedade brasileira se estrutura.

No entanto, basta olhar para as estatísticas para perceber a incongruência dessa afirmação. O racismo é real e determinante na condição de vida das pessoas negras. Mesmo 56% da população se autodeclarando negra, segundo o IBGE (2019), a desigualdade social é gritante. Os negros são a maior parte da população que vive em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Essa realidade é resultado da construção histórica, do período pós-abolicionismo, que foi decisivo para colocar a população negra liberta às margens da sociedade, sem condições ou estruturas para construir uma vida confortável. As consequências dessa época persistem até os dias de hoje.

Em 2019, cerca de 32,9% da população preta ou parda vivia em situação de pobreza, com renda inferior a US\$ 5,50. Enquanto a população branca, vivendo nas mesmas condições, foi de 15,4%, segundo o IBGE. Nesse contexto, muitas crianças negras também estão sujeitas a viver em situação de vulnerabilidade. A maioria delas vive na pobreza, apresenta altas taxas de evasão escolar, são vítimas da violência e criminalidade. Uma criança negra tem 70% mais chances de serem pobres que uma criança branca, segundo o Fundo das Nações Unidas (Unicef), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do censo de 2015. A pesquisa evidencia também que existem cerca de trinta e dois milhões de crianças e adolescentes vivendo em situação de pobreza e privação de direitos (educação, moradia, saneamento básico e etc), no Brasil. Isso representa 61% do total de crianças e adolescentes do país. Desses, 58,3% dos meninos e meninas negros têm os direitos privados, enquanto entre os brancos o índice é de 38%.

Na educação, os jovens negros e pardos apresentam maiores distorções de idade-série, reprovação e têm mais dificuldade de frequentar a escola após o ensino fundamental. Em 2019,

cerca de 20% dos alunos de 14 a 29 anos não concluíram o ensino médio. Ou seja, de acordo com os dados da Pnad Contínua (2019), 7 em cada 10 alunos que não concluíram o ensino médio são negros.

No âmbito da saúde, a população negra é ainda mais impactada pela desigualdade social. Mesmo após a criação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), do Ministério da Saúde — uma grande conquista do movimento negro —, ainda existem dificuldades de acesso ao atendimento no sistema público de saúde e na qualidade do serviço prestado. No levantamento realizado em 2013, pela Pesquisa Nacional de Saúde, 13,6% das pessoas que se sentiram discriminadas nesses serviços, destacaram o viés racial. Ou seja, é necessário que o sistema público de saúde tenha reconhecimento do quão determinante é o racismo na condição de vida dessas pessoas. E assim, poderão desenvolver estratégias que promovam os cuidados com a saúde da população negra.

Para tanto, antes de mais nada, é necessário reconhecer que a identificação da raça/cor é a base do bom atendimento médico, pois além de proporcionar um tratamento mais adequado, também contribui para aumentar a visibilidade das questões étnicas no âmbito da saúde. Embora o preenchimento do quesito raça/cor seja obrigatório (Portaria n.º 334/2017), nem sempre é o registrado. Além disso, a atenção dos profissionais à singularidade das questões raciais torna-se invisível, indicando a falta de informação e de comprometimento com os efeitos do racismo (SILVEIRA; NARDI, 2015). Isso dificulta a coleta de dados que descrevam a real situação da população negra, e levem em consideração que suas demandas necessitam de atendimentos específicos.

O racismo é um problema de saúde pública. Além do impacto na condição socioeconômica das vítimas, também causa graves problemas psicológicos. Essa é uma forma silenciosa de violência que atinge a subjetividade e a identidade dos negros desde a infância até a idade adulta. Sofrer de forma contínua e ininterrupta com a desigualdade, discriminação e preconceito, em diferentes espaços, pode levar a múltiplos efeitos, como baixa autoestima, isolamento social, complexo de inferioridade, sentimentos de não pertencimento, angústias e limitações psicológicas.

Esse escalonamento marca suas identidades e seus modos de vida, pois, se o topo, portanto, o ideal, está associado à população branca, ela tem maior probabilidade de constituir-se subjetivamente de forma afirmativa, já a população negra é comumente assolada por uma luta constante e, às vezes, inglória, contra o sentimento de inferioridade e, junto com ele, o de culpa por não corresponder àquele suposto ideal,

bem como pelo sentimento de angústia por persistentemente passar por situações de opressão¹.

A experiência do racismo e seus efeitos afetam os indivíduos, seu comportamento, a maneira como pensam e se veem. Esse processo começa na infância e se torna mais complicado na vida adulta, pois nem todos os negros têm apoio suficiente para resolver seus problemas. Portanto, tem havido vários questionamentos sobre como minimizar o impacto na saúde mental da população negra e proteger crianças.

Nesse sentido, as vítimas de racismo merecem atenção psicológica adequada aos seus conflitos psíquicos. Um bom atendimento clínico pode ajudar a diminuir a dor causada pelo racismo, mas para isso, os profissionais devem entender que a discriminação racial é o fio condutor desses problemas. Esses impactos também devem ser analisados na subjetividade das crianças, pois elas tendem a internalizar mais as experiências negativas.

O racismo internalizado pode afetar adversamente a saúde ao fomentar a aceitação e a adesão pessoal a noções sobre defeitos inerentes ao próprio indivíduo e a seu grupo. Pesquisas revelam que o racismo internalizado pode conduzir a baixa autoestima e mal-estar psicológico, e ter impactos amplos e negativos sobre a saúde, ao afetar adversamente a identidade, a autocompetência e os comportamentos relacionados à saúde (WILLIAMS; PRIEST, 2015, p.151, *apud* KWAR; Meyer, 2011).

O racismo também precisa ser analisado em sua amplitude, como um processo histórico e cultural, que influencia nas relações étnico-raciais. Afinal, é nas interações entre negros e brancos que ocorrem as experiências discriminatórias, e a percepção dos brancos sobre a imagem do negro é algo construído socialmente e merece atenção nos estudos e pesquisas. Nesse sentido, surgem os debates sobre a construção da branquitude, que se constitui baseada em referenciais simbólicos que colocam a identidade branca como superior, e numa sociedade racista, acaba por conceder vantagem racial às pessoas brancas.

Mesmo com as adversidades, a Psicologia conta com diversos campos e abordagens que podem ser utilizados nesse processo de superação do racismo, buscando atender as especificidades da população negra, com mais qualidade (BENEDICTO, 2018). Nos últimos anos, muitos psicólogos, psiquiatras, pesquisadores e ativistas — em sua maioria negros e negras —, tem se dedicado a desenvolverem estudos acerca da subjetividade negra e os

¹ Trecho retirado do documento Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/o, do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2017.

atravessamentos do racismo. Esses estudos são necessários para repensar a Psicologia, que foi originalmente desenvolvida para entender a estrutura da subjetividade dos indivíduos brancos.

A Psicologia Preta redefine os conceitos iniciais das práticas psicológicas e reconsidera o comportamento psicológico da população negra. Ela surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, como uma solução para desenvolver pesquisas sobre a saúde mental dos negros. No Brasil, ganhou notoriedade com as publicações de psicólogos e psicanalistas como Neusa Santos Souza (1983) e Virginia Bicudo (1945). Ambas tratam sobre a construção da identidade negra num contexto de discriminação racial onde, muitas vezes, nem o próprio negro têm conhecimento sobre sua negritude. São contribuições essenciais para compreender os efeitos dolorosos do racismo e a internalização destes problemas que vem desde a infância.

2 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Todos sabemos que o Brasil é um país onde o racismo estrutural e institucional determina a condição do negro na sociedade e reafirma os privilégios dos brancos. Nesse sentido, existem diversos estudos realizados por pesquisadores, professores e ativistas, extremamente relevantes e debatidos há muito tempo. No entanto, neste projeto, tentei apresentar uma visão diferente sobre o assunto: a importância de discutir os efeitos do racismo na saúde mental da população negra. Além de todas as desigualdades que cercam os negros, o abuso diário do racismo, nos espaços que ocupam, levam ao adoecimento mental.

Um estudo feito pela Pesquisa Nacional Sobre a Saúde da Criança, da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, entre 2011 e 2012 mostra que, experiências de racismo podem potencializar o desenvolvimento de transtornos psicológicos nas crianças. A pesquisa aponta que a exposição a discriminação resultar em taxas mais altas de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). A proporção daqueles considerados com “saúde excelente” diminuía em 5,4% entre as crianças julgadas ou tratados injustamente por causa da etnia. Enquanto a probabilidade de desenvolver TDAH sobe 3,2% entre os que já sofreram com o racismo.

De acordo com Oliveira (2017), a desigualdade étnico racial na saúde psíquica é bem documentada na literatura estrangeira, entretanto, sabe-se muito pouco sobre estes eventos psicossociais e seus efeitos na saúde mental dos brasileiros. Os estudos voltados para quantificar

os efeitos psíquicos do racismo na infância no Brasil, são incipientes. No entanto, olhando outros parâmetros, por exemplo, as taxas de suicídio, é possível notar o viés racista nesse contexto. Segundo um levantamento do Ministério da Saúde (2016), as chances de uma pessoa negra, de 10 a 29 anos, cometer suicídio, é de 45%. No mesmo ano, a taxa de mortalidade entre os adolescentes e jovens brancos, se manteve estável. Segundo a OMS, a cada dez suicídios na faixa etária de 10 a 29 anos, seis ocorrem entre pessoas negras.

O racismo existe em todas as relações sociais, não há distinção de idade, razão pela qual crianças e adolescentes negros também vivenciam experiências racistas. No geral, pessoas negras descobrem o racismo na prática e o primeiro contato ocorre durante infância, na maioria das vezes, de maneira implícita. Nesse sentido, os pais, educadores e demais responsáveis pelo crescimento dos filhos, desempenham o papel fundamental de é intervir em situações de discriminação e orientar as crianças negras sobre como agir diante de atitudes racistas.

Esse é um trabalho duplo, pois depois da família, a escola é o primeiro ambiente social da criança, onde ela convive com pessoas de diferentes culturas, comportamentos e características físicas. No entanto, esse ambiente também é propício à exclusão e a outras formas “invisíveis” de racismo, pois além da falta de debate no seio familiar, também existem profissionais que não estão preparados para lidar com essas situações. A discriminação racial pode, eventualmente, ser ignorada ou naturalizada. Porém, a escola precisa ser entendida como parte do todo, e as relações que ocorrem nela são o reflexo de como a sociedade é estruturada. Como explica Almeida (2019), o racismo é algo muito maior do que apenas atitudes que ocorrem nas relações individuais.

Assim como a instituição tem sua ação condicionada a uma estrutura social previamente existente — o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA; 2018 p.36)

Outro elemento necessário no debate sobre a influência na subjetividade das crianças negras é a questão da representatividade. É muito importante para os meninos e meninas ter referências positivas de grupos e pessoas com características culturais e físicas semelhantes as deles. Isso contribui para que a criança consiga construir autoestima suficiente para amar a si mesma, se achar bonita e capaz de realizar seus objetivos. Porém, o que vemos na mídia, nos

livros didáticos e nas posições de liderança são brancos em destaque e uma minoria de negros, desempenhando papéis e posições de baixo prestígio ou estereotipados. Segundo o estudo *Todxs — Uma análise de representatividade na publicidade brasileira* (2019), promovido pela Agência publicitária *Heads*, em parceria com a ONU Mulheres, há uma baixa presença de personagens e atores negros nas propagandas brasileiras.

A *Heads* analisou 150 comerciais exibidos pelo canal *Discovery Kids*, que é líder de audiência entre o público infantil. Todos os 43%, dos comerciais com protagonistas masculinos, foram representados por crianças, adolescentes e homens brancos. Entre o público feminino (25%), a porcentagem foi de 59%, meninas, adolescentes e mulheres brancas, 34% etnias variadas e apenas 6% negras. A *Heads* constatou que a presença de negros como protagonistas só ocorre quando há pessoas de outras etnias na mesma cena. A conclusão final é que 31% dos comerciais contribuíram para o empoderamento infantil, e 20% continuam reforçando estereótipos.

Todas essas experiências que, às vezes, podem parecer mínimas, afetam no imaginário infantil e a percepção delas (crianças negras e brancas) sobre a imagem do negro. A construção da personalidade de cada uma vai sendo moldada a partir daí, por isso, é necessário compreender a dimensão subjetiva do racismo e como as pessoas negras tendem a internalizar as situações de discriminação que vivenciam. Além de trabalhar o olhar sobre as crianças brancas também, para compreender o processo de absorção dos conteúdos racistas e a reprodução na escola, por exemplo. Como explica Kilomba (2019), a criança negra acaba tendo referenciais que não condizem com a realidade delas, enquanto a criança branca percebe que a imagem mais próxima a dela é a que deve ser reconhecida como positiva.

Revistas, quadrinhos, filmes e televisão coagem a criança negra a se identificar com outros brancos, mas não consigo mesma. A criança é forçada a criar uma relação alienada com a negritude, já que heróis desses cenários são brancos e as personagens negras são personificações de fantasias brancas. Apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas”, da negritude criadas pelo próprio povo negro, na literatura e na cultura visual, podem dismantellar essa alienação. (KILOMBA; 2019. p. 154).

Nesse sentido, reforçar a autoestima da criança, por meio de representações positivas, é uma forma de minimizar os impactos do racismo na construção da negritude. Por isso, no livro-reportagem apresentado, apresento relatos importantes sobre o quanto a representatividade importa e possibilita uma mudança nas estruturas impostas e que determinam o lugar do negro na sociedade. Se a criança tem inspirações de negros em diversos

lugares, logo, ela também irá ansiar por sua ascensão, e terá potencial suficiente para sonhar, estudar, fazer uma faculdade e ter a profissão que desejar. O racismo não destruirá os sonhos delas, se essas representações servirem de espelho e existirem em todos os lugares que a criança ocupa.

2.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

O tema abordado em *A Cor da Minha Infância* traz um ineditismo, que é os impactos psicossociais do racismo em todas as fases da vida de uma pessoa negra. Os debates sobre a saúde mental da população negra vêm sendo ampliados, por isso este projeto objetiva contribuir para mais visibilidade para o tema. Embora muitas mudanças estejam ocorrendo no âmbito da saúde, as discussões relacionadas aos impactos psicossociais do racismo ainda são insipientes, ou limitadas a encontros entre núcleos e grupos, em sua maioria, constituídos por pessoas negras. Devido a sua urgência e recorrência, a violência psicológica causada pelo racismo é um assunto que deve chegar à toda a sociedade, principalmente, nas pessoas brancas. Afinal, o racismo não é um problema só dos negros.

É a branquitude que constitui, determina e mantém a ideia do que é bom ou ruim em nossa sociedade. Ela é uma identidade hegemônica que depende e existe, por meio da exploração do “outro” (KILOMBA, 2019). Ou seja, enquanto a branquitude mantiver seus privilégios e ideias, a negritude, por outro lado, continuará sendo minimizada e impedida de se construir. Por isso, o racismo é uma temática necessária e urgente, que precisa ser discutida em sua amplitude, entendendo como as relações ocorrem a partir destes ideais de “perfeição”, construídos em cima da imagem, cultura e comportamento branco.

Sendo assim, começar falando da infância foi uma decisão consciente, pois é nesta fase onde a branquitude é mais sugestiva e tende a interferir na construção da personalidade da criança negra. Nessa fase também ocorrem as primeiras experiências com o racismo, e o que acontecer durante esse período será determinante no futuro.

Os atravessamentos do racismo são tão presentes, que podem acontecer quando as crianças ainda estão no útero de suas mães. Segundo uma pesquisa realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz), em 2017, as mães

negras receberam menos atenção e orientação médica durante o parto e não foram devidamente anestesiadas em casos de episiotomia (incisão realizada no períneo para facilitar a passagem do bebê no canal vaginal). Essa falta de cuidados com as mães e os bebês, antes, durante e depois do parto, podem ter consequências graves na vida dessas pessoas.

As implicações do racismo na infância ganham muito força devido ao fato de que, por serem muito pequenos, as emoções das crianças nem sempre tem a devida atenção, e isso causa um certo silenciosamente, que dificulta a comunicação com os adultos. Por isso, as crianças necessitam de uma atenção voltada para suas questões psicológicas e serem compreendidas como indivíduos que sofrem, do seu jeito, com os episódios que as ferem. Para que a relação entre adultos e crianças se estabeleça de maneira saudável, é necessário ter uma percepção sobre o valor delas. Para Assis e Avanci (2004), a autoestima é uma característica humana forjada a partir dos olhares que a criança direciona e recebe dos espelhos que encontra ao percorrer o labirinto de sua vida.

O que se imprime na primeira infância é para sempre. De 0 a 6 anos vivemos muito próximos da família. Alguém pode perguntar: “mas como é que o racismo chega se nós vivemos muito próximos da família?” A resposta é que o racismo é internalizado. Nossos pais, certamente, sofreram o olhar da discriminação. A própria família vivencia essa dor, essa ferida. As relações originais – as primeiras da vida que incluem pai e mãe - são importantíssimas. A maneira como nossos pais nos vêem, é como nós vamos nos ver para o resto das nossas vidas. Feridas da infância não saram nunca. O que a gente pode aprender, ao longo da vida, é como lidar com elas. (NOGUEIRA, 2008).²

No Brasil, existem poucos estudos sobre os efeitos psicológicos do racismo nas crianças. Embora, *A Cor da Minha Infância*, aborde o problema da discriminação racial em todas as fases da vida, ainda se concentra neste período. Infelizmente, essa é também uma fase onde ocorrem situações muito silenciosas ou naturalizadas e que se desdobram com o passar do tempo. Uma criança fragilizada pelo racismo pode evoluir para um adolescente mais raivoso, e esse adolescente pode se tornar um adulto complexo, com uma capacidade mais fraca de resolução de conflitos, com vícios ou transtornos psicológicos. São problemas que tem raízes. Portanto, é necessário entender o impacto do racismo desde o início, a fim de descobrir as suas causas profundas e lidar com seus efeitos futuros.

² Citação feita pela psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, em uma entrevista realizada pelo Instituto AMMA Psique e Negritude, sobre “Os Efeitos Psicossociais do Racismo”. São Paulo, 2008.

2.2 JUSTIFICATIVA DA MÍDIA

A escolha pelo livro-reportagem foi feita na volta das aulas da UFSC, na modalidade à distância, durante período de isolamento social devido à pandemia do coronavírus. A ideia no início de 2020 era realizar uma grande reportagem multimídia que trouxesse o texto como foco, mas com elementos de vídeo, fotografia e infografia para enriquecer o formato. No entanto, como não pude estar *in loco* nos espaços que iria gravar e nem me encontrar com as fontes, acabei optando pelo livro-reportagem. Desde modo, eu poderia manter unicamente o texto como a principal forma de transmitir as informações e relatos das fontes. Durante o período em que estive em isolamento e sem aula, busquei ler vários livros-reportagem, como *Rota 66* (1992) do Caco Barcellos e o *Tempos Instáveis: O mundo, o Brasil e o Jornalismo em 21 reportagens da Piauí* (2016), a fim de me familiarizar mais com o formato. Sempre fui grande admiradora do livro-reportagem desde que tive contato, pela primeira vez, nas aulas de redação com o livro *A Sangue Frio*, de Truman Capote.

Acredito que esse formato jornalístico nos dê mais liberdade para contar histórias e apreciar os detalhes que as cercam. Naturalmente, ouvir a fonte e dar-lhes espaço para contar suas histórias também é o diferencial de um bom relato de livro. Embora o estado de isolamento social tenha dificultado um relacionamento mais direto com os entrevistados, a maioria das conversas rendeu, porque as fontes se mostraram bastante dispostas a falar sobre o assunto. Além disso, comparar o depoimento de uma fonte, com dados oficiais, irá fornecer uma compreensão mais abrangente dos fatos, e deste modo, o livro pode ampliar a visão do leitor sobre diversas outras temáticas que são perpassadas ao longo do livro. Como pontua Lima (1993), o livro-reportagem possibilita que os fatos sejam aprofundados, de maneira “superior” ao tratamento dado a essas mesmas temáticas em veículos tradicionais.

A pesquisa previamente realizada também fortalece a veracidade dos fatos, trazendo aspectos do tempo presente, mas relacionando a acontecimentos passados. Os dados apresentados, além de proporcionar aos leitores parâmetros reais sobre a realidade apresentada, também reafirmam a importância da discussão. As histórias dos entrevistados, por si só poderiam sustentar o livro, mas com tratam-se de questões que vão além das singulares, os dados são necessários para subsidiar a abrangência da discussão.

A pesquisa e o documento são fontes primordiais nas abordagens investigativas e também na elaboração do livro-reportagem. Ao partir do pressuposto que o livro-reportagem trabalha com os procedimentos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno real, para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos. (ROCHA; XAVIER, 2013, p.12)

Outra perspectiva interessante é permitir ao leitor que visualize mentalmente um pouco sobre a forma de atuação do jornalista; como se relacionou com a fonte e sua visão dos acontecimentos. Porém, mantive o compromisso de contar fielmente cada uma das histórias relatadas, respeitando as fontes e suas vozes dos entrevistados, sem interferir no modo de pensar deles, apesar da minha proximidade com o tema. Então, apesar do desafio de escrever um livro — algo que eu nunca havia feito antes — o formato escolhido foi a melhor alternativa que encontrei de transmitir histórias tão sensíveis e singulares com as limitações de tempo e espaço que tive e pôr em prática tudo que aprendi ao longo da graduação. O livro-reportagem traz uma liberdade literária que eu acredito ser essencial na produção de um jornalismo mais humanizado.

3 APURAÇÃO E PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 PRÉ-APURAÇÃO

Embora a temática apresentava já fosse algo que eu vinha pensando para meu TCC desde 2017, só foi definida, de fato, durante a disciplina de pré-projeto, no primeiro semestre de 2019. Inicialmente, conversei com amigos do MNU para compreender qual angulação eu deveria priorizar. Apesar de perpassar diversas questões como convivência familiar, escola e representatividade, a abordagem central da pauta é a saúde mental das pessoas negras. Escrevi meu projeto inteiro com esse objetivo: identificar quais são os impactos do racismo na infância e como eles afetam a vida das pessoas ao decorrer do tempo. No segundo semestre de 2019 passei por uma fase muito difícil, fiquei extremamente debilitada psicologicamente. Fui diagnosticada com depressão, estresse pós-traumático e tive crises duradouras de despersonalização e desrealização, que comprometeram meu raciocínio e comportamento. Só melhorei após alguns meses de tratamento com a administração de *cloridrato de fluoxetina*, o antigo *prozac*. Me afastei da faculdade para minha recuperação, mas com planos de retornar quando estivesse melhor. No entanto, essa experiência só me deu mais vontade ainda de dar

continuidade ao projeto. Não abandonei o tema, era meu sonho e eu precisa realizá-lo, além de concluir a graduação. Graças ao apoio de amigos e familiares consegui retomar o TCC, em 2020.

Mesmo com a incerteza de que a UFSC retornaria as aulas, por conta da pandemia da Covid-19, continuei estudando sobre o tema, e essa foi uma etapa muito importante. A partir dela, decidi ampliar um pouco mais a discussão e trazer os impactos psicológicos do racismo na adolescência e a fase adulta. Fez todo sentido, não seria possível tratar do assunto apenas na infância, pois o racismo é atemporal e acompanha a criança ao longo de seu crescimento. Sendo assim, repensei os capítulos e acrescentei mais um, “*O dia em que nos tornamos negros*” (4), dedicado a pessoas que quisessem trazer seus relatos de da infância e o que dessa fase levaram para a vida adulta.

Continue lendo teses, dissertações, artigos, matérias e livros, buscando entender também qual o papel da Psicologia no contexto étnico-racial. Toda minha base teórica desse campo se construiu a partir de livros de antropólogos, sociólogos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas negros, além dos conceitos de Freud sobre a estrutura da personalidade. O primeiro livro que li foi o *Tornar-se Negro* (1983), da psicanalista Neusa Santos Sousa. A autora desse livro, por si só, tem uma história bastante dura. Ela cometeu suicídio em 2009, aos 60 anos, mas deixou contribuições extremamente importantes sobre os efeitos do racismo na construção da identidade negra.

Outros livros importantes foram: *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), do psiquiatra francês Frantz Fanon e *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (1945), dissertação de mestrado da socióloga Virgínia Bicudo. Os autores mencionados são considerados precursores dos estudos da Psicanálise e Psicologia voltados para a análise do ser negro. Outra referência que tive ainda no começo de 2020, e expandiu minha visão sobre o assunto, foi o livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), da teórica portuguesa Grada Kilomba. Esse livro é uma excelente referência de como contar história com sensibilidade e cautela, ainda mais quando se trata de racismo. Foi a minha inspiração para a construção das narrativas que escolhi.

Todas as leituras que fiz foram fichadas em um documento no *Google Drive*, para que eu pudesse organizar melhor as referências que utilizei no livro e neste relatório final. Concluída essa etapa, comecei a seleção de fontes. Fiz anúncios previamente explicando do que se tratava

o trabalho, em grupos no *Facebook*, voltados para as discussões sobre racismo, cada um com o público específico (pais e mães, militantes da juventude negra, professores, psicólogas e psicoeducadoras). Aguardei primeiramente as manifestações de interesse, pois acredito que quando as fontes manifestam interesse é porque realmente gostariam de ser ouvidas. Estabeleci o contato via *messenger* ou *whatsapp* e agendei as entrevistas. Outro aplicativo que utilizei para encontrar fontes foi o *instagram*, utilizando as hashtags: saúde mental negra; infância negra; psicologia preta, que me levaram à algumas especialistas da área da Psicologia.

Como todas as entrevistas foram realizadas *online*, não estabeleci um limite de localização, falei com pessoas do Sul ao Nordeste do Brasil. Entretanto, também procurei entrevistados da minha região, Florianópolis, para situar algumas questões sobre racismo no Sul do país. Aproveitei que, durante a pandemia, a transmissão de *lives* se intensificou e participei de várias relacionadas à saúde mental da população negra e educação antirracista. Pelo *instagram* também acompanhei as transmissões de psicólogas negras, trazendo a temática já mencionada. Após ser estabelecida a agenda de entrevistas, realizei o primeiro contato com a minha orientadora para definirmos os passos seguintes e iniciar a apuração.

3.2 APURAÇÃO

Na etapa de entrevistas, realizadas em setembro e outubro de 2020, me deparei com um impasse: deveria ou não falar com crianças? Novamente fui atrás da opinião de pessoas do movimento negro e pesquisei algumas matérias sobre racismo onde as crianças pretas participaram. Uma delas foi a campanha do Criança Esperança, *Ninguém Nasce Racista. Continue Criança*, criada pela Rede Globo, em 2016. No vídeo, meninas e meninos negros (as) são colocados para ler comentários racistas retirados da *internet* para uma atriz também negra. Um erro terrível. As crianças ficaram extremamente emocionadas e foi apenas isso. Colocar crianças negras para lembrar e falar em voz alta algo que é tão doloroso para elas, me parece um tanto quanto desnecessário. É preciso ter muito cuidado quando se trata de crianças, pois existe um limite entre dar voz e explorar o sofrimento. Obviamente, eu não cometeria o mesmo erro.

Apesar de respeitar imensamente a existência das crianças e reconhecê-las como seres detentores do conhecimento e autossuficientes, eu não gostaria de explorar a fragilidade delas apenas para dar mais veracidade aos fatos. Além disso, crianças são vítimas de racismo

cotidianamente, nas escolas, nos parquinhos, em clubes e quaisquer outros lugares que ocupem. E precisam vivenciar a infância, brincar, estudar e não lidar diretamente com problemas que cabem aos adultos resolver. Além disso, a autoestima delas pode estar tão minada, que ela mesma não consegue dialogar sobre o assunto nem com os próprios pais. Diante disso, optei por não entrevistar crianças, mas dar espaço a mães e pais, pois eles são as figuras de confiança e responsabilidade dos pequenos.

Tanto as entrevistas, quando a pesquisa de dados e informações foram realizadas no mesmo período, em setembro e outubro de 2020. As conversas com as fontes foram realizadas via *google meet* ou *whatsapp*. A primeira pessoa com quem falei foi a estudante de Psicologia da UFSC, Mariana Portella, integrante do Núcleo de Estudos Negros (NEN/SC). Ela me auxiliou a estabelecer algumas delimitações no trabalho. A primeira é de que eu deveria ouvir apenas pessoas negras, levando em consideração que nós negros queremos protagonizar nossas próprias histórias, e ainda que ocupemos lugares de privilégios dentro das universidades, são espaços que devemos utilizar para pautar nossas próprias questões. (RIBEIRO, 2018).

Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa. Se já estou fora de diversos espaços, um aliado veria a importância da minha fala sobre problemas que me afligem em vez de querer falar por mim. É necessário usar seu espaço de privilégio para dar espaço a grupos que não o têm, até porque esse privilégio foi construído em cima das costas de quem foi e é historicamente discriminado. (RIBEIRO, 2018. p. 55).

Outro aspecto importante foi entender a base da Psicanálise para abordar a construção da subjetividade dos indivíduos. Mariana, gentilmente, me explicou os conceitos de *id*, *ego* e *super ego*, desenvolvidos por Freud, e a relação que desses fundamentos com o texto *Tornar-se Negro*, que fala sobre a interferência da hegemonia branca no processo de autoidentificação do negro e quais são os efeitos quando ele anseia por um ideal de *ego* branco, que é incompatível com seu corpo (SOUZA, 1983).

Após estar devidamente munida de conhecimento sobre a construção da identidade negra no âmbito da psicologia, fui atrás dos dados oficiais que pudessem exemplificar melhor os aspectos abordados em cada capítulo do livro-reportagem. Ouvi também especialistas no campo da psicoeducação e educação infantil, que me trouxeram “escurecimentos” sobre a questão do racismo no espaço escolar e as estratégias que vem sendo desenvolvidas para evitar que a discriminação racial se perpetue nesses espaços.

3.3 FONTES

A presença das fontes é o que conduz a narrativa do livro em cada capítulo, todas elas fizeram contribuições essenciais para a concretização desse trabalho. A maior parte das entrevistas foi realizada via *Google Meet* ou *Whatsapp*, com duração de até 1h30. Três das entrevistas foram realizadas por mensagem escrita no *Whatsapp* a pedido dos entrevistados. Algumas das fontes pediram para ter sua identidade preservada, e assim garanti utilizando um nome fictício.

De todas as pessoas que realizei contato prévio, apenas duas desistiram da entrevista. A primeira, foi a mãe de uma criança preta que sofre racismo diariamente na escola. Ela não teve autorização do marido para falar, e me contou que ele não se sentia confortável em conversar sobre o assunto, por ser branca e não entender sobre questões raciais. Mesmo explicando que não haveria problema e que eles não precisariam ser identificados, ela não aceitou.

A outra seria com um pai angolano, que reside em Florianópolis, e vinha cuidando da esposa e dos filhos, que estavam sofrendo muito devido as diversas situações de racismo que vivenciaram após a mudança de país. No entanto, ele mesmo decidiu desmarcar a entrevista, por estar sem tempo. E no fim, concordei que talvez até fugisse do foco. A situação de imigrantes vindos de países da África ou do Haiti para o Brasil é uma pauta a mais para ser debatida.

Janaina Moreira^{*3}: Enfermeira, 45 anos, que mora em São Paulo capital. Seus relatos aparecem no início do primeiro capítulo, onde ela conta suas experiências de quando era criança e também do momento da virada de consciência: o dia em que sua filha nasceu.

Mariana Portella Milan: É estudante de Psicologia na UFSC e integrante do Núcleo de Estudos Negros (NEN). Entrei em contato com o NEN explicando a proposta, e eles me indicaram a Mari para representá-los. Ela trouxe colocações muito pertinentes no âmbito da Psicanálise, além de suas vivências pessoais enquanto criança e mulher negra.

³ Nomes fictícios utilizados para proteger a identidade das fontes.

Tatiana Ap Américo: Produtora Cultural em Florianópolis e membro do Coletivo Pretas em Desterro. Também é ativa no MNU, e trouxe relatos importantes sobre como dialoga sobre racismo com seu filho Pietro, de 8 anos.

Erick Bernardes: Atua como fisioterapeuta em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O conheci no grupo *Pais Pretos Presentes*, no *facebook*. Sua contribuição foi fundamental em dos capítulos do livro, onde ele fala sobre a importância de valorizar a identidade negra do filho, Vicente, 4 anos.

Andreia dos Santos Silveira*: Utilizamos nome fictício para a Enfermeira de 32 anos, que mora e Campinas, São Paulo. Os relatos de sua infância foram essenciais no capítulo 2 – *Entre os muros da escola*, pois sua trajetória escolar foi totalmente atravessada pelo racismo e trouxe consequências em sua adolescência.

Mirê Chagas: É estudante de Serviço Social e Mora em Florianópolis, Santa Catarina. Sua história, apresentada no capítulo 4 – *O dia em que nos tornamos negros*, foi extremamente enriquecedora. Os relatos de sua infância são delicados, e ela apresenta uma visão sobre a discussão que trará reflexos necessárias sobre o assunto.

Luís Santos Gama*: Nome fictício utilizado para o estudante de Psicologia, que mora na capital de São Paulo. Luís compartilhou as experiências de sua infância e as dificuldades que teve se identificar como negro, por ter a pele mais clara.

Eduardo Cartaxo: Idealizador do Canal e da marca *Negro Pense*, mora em Fortaleza, no Ceará. Fez contribuições necessárias sobre sua infância como menino negro criado por uma mãe branca no nordeste brasileiro.

Márcia Borges*: Mora em São José, Santa Catarina. Seu relato foi retirado de uma publicação no grupo *Unidos Contra o Racismo*, no *facebook*. Pedi autorização para utilizar apenas o depoimento que aparece no capítulo 5 – *Cicatrizações*, pois ela não quis falar mais sobre o assunto.

Bruna Pereira: Psicóloga formada pela UFSC, que atua em Florianópolis com atendimento clínico. Também é integrante do ANPSINEP. Sua participação nesse trabalho foi importantíssima para embasar as discussões sobre os impactos do racismo na saúde mental das pessoas pretas.

Daniele Pereira: Psicopedagoga formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro. É orientadora educacional da Escola Técnica Estadual Henrique Lage e também atende no Espaço Multipensar, no bairro da Parada 40, em São Gonçalo. Realiza trabalho voluntário na ONG Grupo de Apoio ao Menor. Ela foi fundamental nas discussões acerca da psicoeducação de crianças no contexto étnico-racial.

Cintia Cardoso: É professora da rede Municipal de Ensino de Florianópolis há 17 anos. Realiza doutorado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Também integra a Associação Brasileira de Pesquisadores negros (ABPN) e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Sua contribuição foi retirada da reunião sobre *Branquitude na Educação Infantil*, promovida pelo Conversa de Portão para inscritos no *meet*. Ela trouxe apontamentos importantes sobre as relações étnico-raciais no espaço escolar.

Allana Lettícia dos Santos: Mora em Feira de Santana, na Bahia, mas está realizando seu mestrado em História na Universidade Federal de Santa Catarina. Allana trouxe para o trabalho experiências relevantes sobre sua atuação como professora de história do ensino fundamental, mostrando a necessidade do ensino de História da África e Cultura Afrobrasileira.

Diane Liszt Gonçalves Nunes: Ela é Designer e mora em Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro. É uma das idealizadoras do projeto *Ana Curiosa*, que oferece conteúdos sobre design para crianças. No capítulo 3 – *Meninos negros também querem ser heróis*, fez contribuições relevantes sobre a necessidade da representatividade negra na literatura e na mídia, e nos demais produtos de consumo infantil.

3.4 PRODUÇÃO

A realização das entrevistas foi a mais trabalhosa, desafiadora e a etapa que demandou mais tempo. Devido ao distanciamento social, acredito que as fontes estavam mais dispostas a conversar, muitas delas até relatam que estavam a bastante tempo sem ter contato com outras pessoas além de parentes e amigos. Nesse sentido, busquei realizar entrevistas dialogadas, que fluíssem naturalmente, apesar do roteiro de perguntas previamente definidas. Esse também foi um método utilizado para ganhar a confiança da fonte e deixa confortável para relatar suas memórias de modo espontâneo sem que eu pareça uma entrevistadora insensível.

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária à do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado. Nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobretudo no nível da sensibilidade. (MEDINA; 2011, p.15)

Por outro lado, foi uma tarefa bastante difícil captar as nuances e detalhes das histórias apenas em uma conversa *online*. Acredito que esses elementos enriquecem o texto, e por isso alguns capítulos utilizei a narração em primeira pessoa, para descrever um pouco sobre meu contato com os entrevistados e a minha percepção a respeito do contexto em que vivemos.

A cada entrevista realizada eu já organizava a transcrição, para que não acumulassem muito conteúdo e para ter uma noção prévia do que iria selecionar de cada conversa. Após essa etapa, redefini a ordem dos capítulos e o que seria tratado em cada um deles. Pensando que, o racismo perpassa toda a vida da pessoa negra, busquei criar uma estrutura cronológica sobre como a vida do negro vai sendo perpassado e impacto por situações de discriminação racial, de modo implícito ou explícito.

A narrativa foi pensada de modo que os capítulos possam ser lidos separadamente, sem impactar tanto na compreensão das informações apresentadas. Além disso, todos eles conversam entre si, são questões que estão interligadas e por isso, muitas vezes, foi necessário repetir algumas informações. Por exemplo, a crise sanitária da Covid-19, falada no capítulo 1 e 5. Ambas as sessões trouxeram dados importantes sobre a saúde mental da população negra, e foi necessário acrescentar falas a respeito do aumento das desigualdades durante esse período.

No Capítulo 4 tomei o cuidado de adicionar um “alerta” de gatilho, pois essa é uma discussão bastante atual e me causou reflexão sobre quão caótico está o mundo e em que condições mentais chegam as informações até o público. Existem assuntos que podem causar desconforto e gerar complicações, principalmente, para outras pessoas que vivem os mesmos traumas citados no livro.

Outra preocupação que tive, foi em iniciar os primeiros capítulos com as histórias dos entrevistados, afim de convidar o leitor a ter contato com histórias reais e que trouxessem reflexões sobre cada temática apresentada logo de início. No decorrer dos textos, vão sendo apresentados os dados que trazem mais credibilidade e levam a discussão para uma amplitude ainda maior. Os textos foram escritos entre os meses de outubro e novembro, e apresentam, em média, 12 páginas cada um. A linguagem utilizada é literária, didática e opinativa, sustentada por dados oficiais e pesquisas relacionadas a cada tema proposto.

O foco narrativo do texto varia, ocorre em primeira pessoa ou em terceira pessoa. Tomei a liberdade de, no momento correto, me colocar como participante ativa e observadora dos fatos narrados. Por isso, no Capítulo 4 a história é contada em primeira pessoa, onde descrevo sobre como contatei as fontes e como foi nosso processo de diálogo. Acredito que esses detalhes enriqueçam o texto, pois possibilitam ao leitor uma visão sobre a atuação do jornalista.

Toda história tem um narrador, aquele que narra o acontecimento, o fato. Acontece que esse narrador pode surgir de maneiras diferentes: pode fazer parte dela, como protagonista ou testemunha, ou pode narrá-la da forma como lhe contaram ou como observador. Ao primeiro damos o nome de primeira pessoa, que se desdobra em protagonista/testemunha; ao segundo, terceira pessoa. (COUTO, 2017. p.107).

Após o último capítulo (6), dediquei algumas páginas para o vocabulário, com explicações breves e didáticas de palavras utilizadas ao decorrer do livro. Poderão ser úteis para o leitor, caso ele se perca em alguns conceitos. Os significados foram retirados do livro *Memórias da Plantação* (2019) e do site *Significados*. O livro-reportagem foi pensado de modo didático, que pudesse tornar o mais fácil possível a compreensão do leitor.

3.4.1 Capítulo 1 – Como criar uma criança preta no Brasil?

Este capítulo apresenta, inicialmente, dados sobre a realidade da população negra brasileira. Depois de contextualizado, o capítulo tenta responder, por meio do relato de pais e

mães, sobre como criar filhos negros em um país onde a desigualdade racial determina o status dos negros na sociedade. Por isso, é necessário compreender a influência do racismo na subjetividade dos negros e a influência na construção da identidade das crianças ao longo da vida familiar. São os responsáveis pelas crianças, que irão ensiná-la —ou não— a lidar com as adversidades do racismo. Em alguns casos, a consciência racial da família não é suficiente para blindar os filhos, e eles acabam tendo que descobrir sozinhos sobre como lidar com esses conflitos. No entanto, a família também está sujeita a uma estrutura racista e o método de enfrentamento pode ser transmitido de geração em geração.

3.4.2 Capítulo 2 – Entre os muros da escola

A temática central deste capítulo é como combater as práticas discriminatórias do espaço escolar e a importância da Lei 10.639, bem como a preparação dos profissionais da área da educação para entenderem sobre as demandas do alunado negro. O espaço escolar é uma instituição, que assim como outras instituições brasileiras também é influenciada pelo racismo. Como explica Munanga (2005), é necessário primeiramente entender o efeito do racismo nesse espaço, sem assumir nenhum complexo de culpa, sem esquecermos que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.

3.4.3 Capítulo 3 – Meninos negros também querem ser heróis

O Capítulo 3 trata sobre a importância da representatividade para a construção da identidade da criança negra, entendendo que toda pessoa necessita de uma inspiração positiva sobre si para que sua autoestima seja saudável. Os dados apresentados foram cedidos pela agência publicitária *Heads*, e fazem parte da campanha *Todxs*, que mostra uma realidade onde a maior parte das publicidades brasileiras não contribui para o empoderamento infantil, pelo contrário, reforçam estereótipos a cerca da imagem do negro. Enquanto a mídia ainda caminha a passos largos na promoção da representatividade, a literatura já vem avançando bastante nesse sentido. Uma vasta bibliografia, voltada para o público negro, vem sendo produzida, e estão aí para mostrar que as crianças negras têm boas inspirações para seguir desde a infância.

3.4.4 Capítulo 4 – O dia em que nos tornamos negros

Este capítulo foi totalmente inspirado no texto “Tornar-se Negro” da psicanalista Neusa Santos Sousa. Esse livro é um marco nas discussões sobre os efeitos determinantes do racismo na percepção do negro sobre ele mesmo. A autora fala sobre como é chegar a vida adulta e se adquirir consciência sobre como é ser negro, como a sociedade e qual o lugar do negro no mundo.

Aqui no Brasil nascer com a pele preta ou outras características negróides e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organiza por si só uma identidade negra. Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que através de um discurso mítico, acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência, e tomar posse de uma nova consciência que assegure o respeito às diferenças, e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, *à priori*, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 193. p. 77).

O espaço desse capítulo foi inteiramente dedicado às histórias de três pessoas negras que experienciaram o racismo desde a infância, os traumas, as cicatrizes que ficaram e como foi o momento da “virada de chave” em que finalmente se descobriram como negros. Algumas outras discussões vão sendo perpassadas conforme as narrativas vão sendo contatadas, como, por exemplo, a questão do colorismo, sobre como algumas pessoas negras de pele mais clara têm dificuldades de se reafirmar e vivem um limbo de anos com relação a sua identidade racial.

3.4.5 Capítulo 5 – Cicatrizações

Nesse capítulo são apresentadas informações sobre os impactos psicossociais do racismo à longo prazo, durante a infância, adolescência e fase adulta, entendendo que as fases iniciais influenciam as posteriores. A participação das psicólogas foi essencial para entender o papel da psicologia na identificação do racismo como causador de sofrimento psíquico e como minimizar seus impactos. Os dados apresentados mostram uma realidade grave sobre a saúde mental, principalmente dos adolescentes negros, que são as maiores vítimas de suicídio no país. No entanto, a Psicologia Preta, é uma forma que profissionais da área e pesquisadores tem encontrado para desconstruir a Psicologia centrada no indivíduo negro. A partir da atuação de profissionais preparados para lidar com as demandas da subjetividade negra, pode-se pensar em métodos para tratar e minimizar os impactos do racismo na saúde mental da população negra.

3.4.6 Capítulo 6 – Escrevivências da autora

Inspirado no conceito de “escrevivências”, da autora Conceição Evaristo, esse capítulo é sobre as minhas percepções enquanto criança, adolescente e mulher negra. Nele, trago minha história e a importância de utilizar o espaço de privilégio na academia para tratar sobre questões étnico raciais. Busco com este projeto, alinhar minha profissão com a minha realidade e de muitos outros brasileiros negros, que tem suas vidas impactadas desde a infância, pelos limites que o racismo nos impõe. Porém, dado o momento em que tomamos consciência dos sentidos das coisas, passamos a buscar formas de resistir, e uma delas é trazendo nossas próprias questões para dentro dos espaços que ocupamos.

4 DIAGRAMAÇÃO E FORMATO

A diagramação foi realizada por mim mesma, pois assim ficou mais viável financeiramente falando. Apesar de só ter utilizado o programa *Indesign* durante as atividades das disciplinas do Curso de Jornalismo, consegui dar conta de criar um projeto gráfico agradável e simplista, com elementos básicos e representativos, como as frases de autores negros presentes nas sessões de cada capítulo. A cor amarela, bastante presente no livro, segundo a psicologia das cores, representa criatividade, confiança e originalidade. Além de combinar com qualquer tom de pele preta. Enquanto a tonalidade de roxo foi utilizada para dar um contraste harmonioso.

Na capa do livro, trouxe uma menina preta com o punho serrado, um gesto bastante simbólico no movimento negro, que representa luta e resistência. Minha intenção foi ressaltar o protagonismo e a força infantil, que merece destaque. As crianças negras também estão cada vez mais participativas no movimento e precisam ser reconhecidas como sujeitos protagonistas das próprias histórias. Além disso, a infância é a fase inicial da vida e quando nossa identidade começa a ser construída. Tudo que ocorre nesse período terá consequências posteriormente, ao atingir a vida adulta.

A arte foi feita no programa Adobe *Illustrator* muito antes do livro ficar pronto, durante o período de isolamento em que realizei alguns cursos *online* de Design Gráfico. A criança em

destaque representa todos nós (pretos, pretas e pretes), e nossa constante luta pelo autorreconhecimento e descobrimento do nosso lugar no mundo. Além de nossa força e resiliência, que vem muito antes do nosso nascimento, herança de nossos ancestrais. A fonte dos títulos dos capítulos é a *Letter Gothic Std*, tamanho 15. O texto do interior do livro é escrito com a fonte *Tw Cen MT*, tamanho 12. A impressão foi feita na gráfica *Duplic*, no formato A5, com papel pólen 90g (miolo) e chouché fosco 300g (capa em brochura).

5 CUSTOS

Todo o trabalho foi realizado com recursos próprios. Em respeito ao isolamento social, todas as entrevistas foram realizadas remotamente, e para isso foi necessário apenas um *notebook (Acer)* e um aparelho de celular (*xiaomi redmi 5*). Os programas utilizados para as chamadas de vídeo e gravação das entrevistas foram o *Whatsapp*, *Google Meet* e a extensão do *Google Chrome*, *loom*. Durante o processo de entrevistas, o *loom* passou a ser pago, e fiz a mudança para gravador de vídeo e áudio do próprio *Windows*. Busquei realizar o TCC da maneira mais econômica possível, porém sempre prezando pela qualidade do conteúdo textual. Não utilizei nenhuma fotografia ou ilustração além da capa do livro.

O projeto gráfico, a ilustração da capa e a diagramação foram realizadas por mim. Apesar do desafio de realizar tudo sozinha, em um curto período de tempo (menos de cinco meses), aproveitei para pôr em prática tudo que aprendi nas aulas de planejamento gráfico e outros cursos de *Design* que realizei durante o período de quarentena. O maior custo do trabalho foi a impressão do relatório final e do livro-reportagem, realizada na gráfica *Duplic*. Foram impressos 4 exemplares, em formato *A5*, com 138 páginas, sendo a capa em brochura, em papel chouché fosco 300g e o miolo em papel pólen 90g. Futuramente, a ideia é criar uma vaquinha *online* para arrecadar recursos para a impressão de uma tiragem maior dos livros para distribuição gratuita nas comunidades e escolas públicas. Além disso, também será disponibilizado *online* gratuitamente no *ISSUU* ou para *download* na em pdf.

ITEM	CUSTO
Impressão do Livro-reportagem (4 exemplares)	R\$284,00

Impressão do Relatório-Final (4 exemplares)	R\$48,00
TOTAL	R\$332

6 DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS

O ano de 2020 foi muito caótico. Praticamente começou e terminou com uma crise sanitária nunca antes enfrentada com tamanha dificuldade no Brasil. O Covid-19 veio com força para escancarar uma realidade que antes já era crítica e em 2020 se intensificou: a desigualdade social. Logo no início da pandemia, vivenciamos um episódio terrível de violência policial que resultou na morte de um homem negro, nos Estados Unidos. A revolta gerada a partir desse acontecimento desencadeou uma onda de protesto do movimento *Black Lives Matter*, que trouxe à tona, novamente, as discussões a cerca do genocídio da população negra.

No Brasil, em plena pandemia da Covid-19, ocorrem uma série de operações policiais no Rio de Janeiro, cujo objetivo era monitorar e reforçar as medidas de distanciamento social, mas acabaram resultando na morte de jovens negros. E, infelizmente, não parou por aí. Chegando ao fim do ano, no mês de novembro, mais duas mortes me chocaram enquanto eu produzia meu livro-reportagem. A primeira, de um garoto de 12 anos, morador do bairro Costeira do Pirajubaé, em Florianópolis, assassinado com dois tiros à queima-roupa, pela Polícia Militar. Alguns dias depois, outro homem negro é morto. Dessa vez dentro de uma das maiores redes de supermercado do Brasil, o *Carrefour*, em Porto Alegre. Esse último episódio despertou a fúria de muitas pessoas, que atacaram e destruíram prateleiras e produtos de diversas redes.

O fato é: ninguém aguenta mais. Enquanto eu tento fazer a minha parte, escrevendo um livro para, de alguma forma, contribuir com as discussões sobre os impactos do racismo, negros estão sendo mortos, descaradamente, todos os dias. É muito difícil encontrar forças diante dessa realidade desumana, ainda mais quando nos damos conta que estamos à mercê de autoridades que pouco se importam com os cidadãos brasileiros, principalmente, quando se

trata de negros e indígenas. No entanto, é essa mesma realidade que me faz ter vontade de reagir e continuar lutando para poder mudar, o mínimo, nessa situação.

A pandemia veio para, mais do que nunca, nos mostrar o quanto a população negra está vulnerável. Além de enfrentar a violência, discriminação, exclusão, essa crise sanitária trouxe ainda mais prejuízos para o povo negro. Segundo o levantamento realizado pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), da Pontifícia Universidade Católica (PUC), no Rio de Janeiro, mais de 50% das pessoas negras hospitalizadas por conta do coronavírus, vieram a óbito. Entre a população branca, a taxa de letalidade foi de 37,9%. Boa parte da população negra, apresenta algumas comorbidades consideradas fatores de risco para o coronavírus, como hipertensão e diabetes. Sendo assim, deveríamos ficar em isolamento para não correrem risco, mas sem suporte financeiro não foi possível manter-se em casa. Muitos tiveram que manter, normalmente, suas rotinas de trabalho mesmo diante da pandemia.

A realidade da população negra é bastante complexa e demanda muito ação e luta. O movimento negro, mesmo após conquistas significativas, se encontra diante de retrocessos com um governo que despreza as questões étnico raciais. Por isso, aprendi, ao longo da produção do livro-reportagem, que nós, jornalistas, também devemos nos posicionar. Vivemos um momento assombroso, somos censurados, impedidos de exercer nossa profissão. Há quem anseie por nos barrar, por um único medo: que a realidade seja mostrada. E aqui, minha profissão e minha condição de mulher negra se convergem. Também se trata da minha realidade, e se poderei utilizar de minha posição enquanto jornalista para trazer à tona questões pertinentes para desconstruir o racismo nesse país, assim farei.

Sendo assim, *A Cor da Minha Infância* é também um convite para a reflexão, que propõe não só discutir os efeitos psicossociais do racismo, mas também estratégias para reduzir o impacto na subjetividade das crianças e conseqüentemente no futuro delas, quando forem adultas. É o meu olhar, diante da realidade que vivemos, cotidianamente impactada pelo descaso e negligência para com a população negra. Por isso, acredito que precisamos de muito mais pessoas negras, no Jornalismo, Política, Economia, Justiça e em todos os setores importantes, que podem atuar a favor do povo.

7 REFERÊNCIAS

Agência Heads. **Todxs: uma análise de representatividade na publicidade brasileira**. 8.^a onda. São Paulo. 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Recreativo**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. p. 36.

ASSIS, Simone Gonçalves; AVANCI, Joviana Quintes. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e adolescência**. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 10-15.

BENEDITO, Maria de Souza. **A relação entre Psicologia e Racismo: as heranças da clínica psicológica**. São Paulo, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel de Indicadores do SUS**. nº 10. Temático Saúde da População Negra Vol. VII. Brasília: Ministério da Saúde. 82 p. MES, 2016.

BVSMS. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

BVSMS. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_integral_populacao.pdf. Acesso em: 29 nov. 2020.

Conselho Federal de Psicologia. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP; 2017. p.147. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-Reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo**. São Paulo: 2017.

CTC PUC-RIO. **Diferenças sociais: pretos e pardos morrem mais de COVID-19 do que brancos, segundo NT11 do NOIS**. Disponível em: <http://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-covid-19-do-que-brancos-segundo-nt11-do-nois/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**, Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FIOCRUZ. **Mortalidade materna é maior entre mulheres negras**. Disponível em:
<https://portal.fiocruz.br/noticia/mortalidade-materna-e-maior-entre-mulheres--negras>. Acesso em: 30 nov. 2020.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 26 nov. 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

Instituto AMMA Psique e Negritude. **Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. p. 39-154.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília, 2005. p. 15.

MUNDO NEGRO. **Globo erra ao usar o sofrimento de crianças negras para falar sobre racismo**. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/globo-erra-ao-usar-o-sofrimento-de-criancas-negras-para-falar-sobre-racismo/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

OLIVEIRA, Diana et al. **Aspectos sociocognitivos como eventos estressantes na saúde mental em grupos étnicos e minoritários no Brasil**. In: Summa Psicológica UST. Rio de Janeiro, v.14, n.1, Out/Abr. 2017. p. 43-55.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo de feminismo negro?** Editora Livramento. Belo Horizonte, 2017.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Revistas USP, São Paulo, jul/dez. 2013, Rumores. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/69434/72014/91921>>. Acesso em 02 nov. 2020.

SILVEIRA, Raquel da Silva; NARDI Henrique Caetano. Interseccionalidade e violência de gênero contra as mulheres: a questão étnico-racial. In: **XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social**; 7, 2013, Florianópolis. Intersecções em Psicologia Social: raça/etnia, gênero, sexualidades. Florianópolis, ABRAPSO, 2015, p. 55-79.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 33-77.

UNICEF. **O Impacto do Racismo na Infância**. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

VEJA. **Racismo prejudica pra valer a saúde de crianças**. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/familia/racismo-prejudica-para-valer-a-saude-de-criancas/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

WILLIAMS, David R.; PRIEST, Naomi. **Racismo e Saúde**: um corpus crescente de evidência internacional. Sociologias, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 149-155, nov./2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/v17n40/1517-4522-soc-17-40-00124.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

ANEXO A - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Carol Ferreira Andrade de Sousa, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 13201737, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**A Cor da Minha Infância**” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 22 de novembro de 2020



Assinatura

ANEXO B - FICHA DO TCC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2020.1		
ALUNO	Carol Ferreira Andrade de Sousa		
TÍTULO	A Cor da Minha Infância		
ORIENTADOR	Valentina da Silva Nunes		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração: Florianópolis
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem (X)	(X) Florianópolis (X) Brasil (X) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Infância Negra; Saúde Mental; Psicologia; Livro-Reportagem.		
RESUMO	<p>O racismo é uma forma de violência que causa sofrimento psíquico e começa na infância. Uma pesquisa realizada pela Universidade da Califórnia em 2017, aponta que crianças negras têm 3,2% mais chances de desenvolverem transtornos psicológicos, devido à discriminação racial. No Brasil, ainda não existem estudos que quantifiquem como essa realidade afeta a saúde mental de meninas e meninos negros (as). Entretanto, o racismo estruturou-se no Brasil e permanece enraizado nas instituições e relações, causa impactos na psique de crianças, adolescentes e adultos, que podem resultar em transtornos psicológicos, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem e relacionamento social. Com isso, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um livro-reportagem que traz reflexões acerca dos efeitos psicossociais do racismo da infância até a vida adulta. A reportagem, dividida em 6 capítulos, conta com o relato de pais e mães, psicólogas, psicopedagogas e militantes do movimento negro que fortalecem as discussões sobre: (1) as relações familiares: a importância do diálogo entre pais e filhos; (2) o ambiente escolar como espaço onde se manifestam práticas racistas; (3) a importância da representatividade na construção da identidade negra; (4) os reflexos da infância na vida adulta; (5) consequências psicológicas e tratamento com profissionais no contexto étnico-racial; (6) relatos e experiências da autora.</p>		